

LEIBNIZ E OS NOVOS ENSAIOS: UMA ANÁLISE ESTRUTURAL E UM EXEMPLO DE CRIAÇÃO

Igor Souza Alves Filho¹⁹

Resumo: O objetivo dessa dissertação foi elaborar uma análise estrutural da obra *Novos ensaios acerca do entendimento humano* do Leibniz, em que há um diálogo com o Locke. Na segunda parte, foi feito um exemplo de criação e uma tentativa de recuperação da força da obra, tomando como referência os livros *Escritura e diferença* do Derrida e *O que é Filosofia?* de Deleuze.

Palavras-chave: Empirismo, Inatismo, Mônada, Consciência, Conceito.

Abstract: The objective of this dissertation was to elaborate a structural analysis of Leibniz's *New Essays on Human Understanding*, in which there is a dialogue with Locke. In the second part, an example of creation and an attempt to recover the strength of the work was made, taking as reference the books *Writing and Difference* by Derrida and *What is Philosophy?* by Deleuze.

Keywords: Empiricism, Inatism, Monad, Consciousness, Concept.

Considerações iniciais

Nessa dissertação, tratei de fazer uma leitura estrutural da obra do Leibniz de título: *Novos ensaios acerca do entendimento humano*, lendo e fichando parágrafo por parágrafo, para acompanhar a estrutura argumentativa do autor. Primeiro foram feitas várias leituras exploratórias do texto para tornar possível a identificação da estrutura da obra, depois foi feita uma leitura analítica, uma exegese, com o acompanhamento do professor. Técnicas que foram aprendidas com a leitura dos textos do Gueroult, Goldschimit e Cossutta²⁰. Na segunda parte do trabalho, foi feito um exemplo de criação, uma tentativa de recuperar a força do texto do

¹⁹ Aluno de licenciatura plena em Filosofia, pela Universidade Federal de Sergipe. Email para contato: igorfilho@academico.ufs.br.

²⁰ Filósofos historiadores utilizados para o aprendizado de técnicas para a realização de uma análise estrutural dos textos de Filosofia.

Leibniz e Locke, com base nas obras *Escritura e diferença* (2009) do Derrida e *O que é a Filosofia?* (2010) do Deleuze.

Na primeira versão da obra *Ensaaios acerca do entendimento humano* em 1689, do Locke, não havia o capítulo XXVII, um diálogo com o bispo Worcester o fez acrescentar esse capítulo. No ano de 1704, Leibniz publica uma obra de título “Novos ensaios acerca do entendimento humano” em formato de diálogo em que há dois personagens: Teófilo (“o amigo de Deus”), que representa o Leibniz e Filaleto (“o amigo da verdade”) que representa a posição do Locke na sua obra.

Para situar o meu leitor, irei descrever a estrutura da primeira parte do trabalho que seguiu a ordem cronológica argumentativa dos autores. No primeiro parágrafo surge a ideia do princípio de distinção, no parágrafo três o princípio de individuação das escolas, no quarto surge o conceito de mônada, no sexto o problema metafísico teológico, o problema da ressurreição dos corpos. A partir do parágrafo dezessete pergunta-se se a consciência acompanha as partes do corpo.

No parágrafo nove surge o conceito de consciência. O parágrafo dezoito recupera do prefácio o conceito de percepções insensíveis, temos os parágrafos quatorze e vinte e dois que possuem afirmações centrais, em que há a reforma do conceito de substância e o juízo final. Os parágrafos vinte, vinte e três e vinte e seis discutem os fundamentos da moral humana, o problema das leis humanas e a justiça divina, respectivamente. E no parágrafo vinte e nove da obra, há um resumo.

O Leibniz constrói um sistema para reformular o conceito de substância que resolve o problema da ética. Em cada parágrafo há o desenvolvimento de um conceito, um fio condutor para a resolução do problema da ética moderna.

Parte 1

No primeiro parágrafo do texto temos o princípio de distinção, o Locke toma como referência o tempo e o espaço, para ele podemos diferenciar uma cadeira da outra porque elas ocupam espaços diferentes ao mesmo tempo, isso é muito próximo do que o Newton fazia. O Leibniz é um opositor do Newton, para ele há um princípio interno que garante uma individuação, existe um princípio de razão suficiente, não há razão para ter duas coisas iguais na natureza.

“Filaleto - Uma ideia relativa das mais importantes é a da identidade ou diversidade. Não achamos nunca e não podemos conceber que seja possível que

duas coisas da mesma espécie existam ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Eis por que, quando perguntamos se uma coisa que em um tal tempo existe em um tal lugar; donde se segue que uma coisa não pode ser dois começos de existência, nem duas coisas um só começo com respeito ao tempo e ao lugar. Eis porque, quando perguntamos se uma coisa é a mesma ou não, isso se relaciona sempre com uma coisa que em um tal tempo existe em um tal lugar; donde se segue que uma coisa não pode ter dois começos de existência, nem duas coisas um só começo com respeito ao tempo e o lugar.”
(LEIBNIZ, p.168, 1992)

O Locke é empirista mas não tão individualista como o Leibniz, para o Leibniz tudo é individual à partir de uma determinação interna, não há duas faces iguais no mundo. Leibniz incorpora os parágrafos um e dois do Locke no seu primeiro parágrafo.

“Téofilo - É necessário sempre que, além da diferença de tempo e do lugar, haja um princípio interno de distinção; e embora haja várias coisas da mesma espécie, é todavia verdade que jamais existem coisas inteiramente semelhantes; assim, se bem que o tempo e o lugar (isto é, a relação ao que está fora) nos sirvam para distinguir as coisas que não distinguimos bem por si mesmas, as coisas não deixam de ser distinguíveis entre si. O específico da identidade e da diversidade não consiste, por conseguinte, no tempo e no lugar, embora seja verdade que a diversidade das coisas é acompanhada pela do tempo ou do lugar, visto que acarretam com eles impressões diferentes sobre a coisa. Para não dizer que é antes pelas coisas que se deve discernir um lugar ou um tempo do outro, pois por si mesmo são perfeitamente semelhantes, mas também não são substâncias ou realidades completas. A maneira de distinguir, que pareceis propor aqui como a única nas coisas da mesma espécie, está fundada nesta suposição, que a penetração não é conforme a natureza. Esta suposição é razoável, mas a próxima experiência mostra que não estamos vinculados a isso, quando se trata de distinção.”
(LEIBNIZ, p.168, 1992)

No terceiro parágrafo surge o princípio de individuação das escolas, a escolástica. O problema das universais é um problema escolástico.

“Filaletto - O que se denomina princípio de individuação nas Escolas, onde se atormentam tanto para saber o que é, consiste na própria existência, que fixa cada ser a um tempo especial e a um lugar incomunicável a dois seres da mesma espécie.”
“Teofilo – O princípio de individuação reduz-se, nos indivíduos, ao princípio de distinção, do qual acabo de falar. Se dois indivíduos fossem perfeitamente semelhantes e iguais e (em uma palavra) indistinguíveis por si mesmos, não haveria princípio de individuação.”
(LEIBNIZ, p.168, 1992)

Para o Leibniz há um princípio de razão suficiente, não há porque ter duas coisas idênticas na natureza. O conceito de identidade pessoal começa a ser desenvolvido desde que surgiu a primeira ideia de mônada no parágrafo quatro do texto. Nesse ponto surge a noção de indivíduo, com as mônadas do Leibniz, as verdadeiras unidades.

“Filaletto - O que constitui a unidade (identidade) de uma mesma planta está em ter uma tal organização de partes em um só corpo que participa de uma vida comum, o que dura enquanto uma planta subsistir, embora as suas partes mudem.”
(LEIBNIZ, p.169, 1992)

No parágrafo quatro surge a noção de indivíduo e o conceito de mônada do Leibniz, o sexto parágrafo carrega o conceito de substância, mas individual, essa substância possui uma noção completa, tese que é retomada no parágrafo quatorze onde há uma reforma do conceito de substância.

“Filaleto – Ora, sendo que as almas são indiferentes com respeito as qualquer porção de matéria que seja, na medida em que possamos conhecer pela sua natureza, esta suposição (de uma mesma alma passando por corpos diferentes) não encerra nenhum absurdo aparente. Entretanto, aquele que agora não tem qualquer sentimento de que Nestor ou Sócrates tenha feito ou pensado, poderá por ventura conceber que é a mesma pessoa que Nestor ou Sócrates? Pode ele porventura tomar parte nas ações desses dois antigos gregos? Pode ele porventura atribuir a si mesmo tais ações, ou pensar que sejam as suas próprias ações, e não as de algum outro homem que teria existido anteriormente? Ele só teria a mesma pessoa que um deles, se a alma que agora está nele tivesse sido criada quando ela começou a animar o corpo que tem presentemente. Isso não contribuiria mais a fazer com que fosse a mesma pessoa que Nestor, do que se algumas das partículas de matéria que uma vez fizeram parte de Nestor constituíssem agora uma parte desse homem. Pois a mesma substância imaterial sem a mesma consciência não faz a mesma pessoa pelo fato de ser unida a este ou àquele corpo, como tampouco as mesmas partículas de matéria, unidas a algum corpo sem uma consciência comum, podem fazer a mesma pessoa.” (LEIBNIZ, p.175, 1992)

A consciência é quem preserva a identidade moral de um indivíduo. O Locke defende que somos como uma tábula rasa, que todo o conhecimento vem de fora e podemos esquecer. Diferentemente do Locke, O Leibniz defende que está tudo em nossa unidade denominada mônada, mesmo que a nossa memória falhe.

O parágrafo seis introduz o conceito de corpo, o problema metafísico teológico da ressurreição dos corpos. Ele entra em discordância com o Locke, para o Leibniz todas as substâncias simples estão unidas a um corpo e não existem almas completamente separadas.

“Teófilo – [Aqui há uma questão de nome e também uma que tão real. Quanto à questão real, a identidade de uma mesma substância individual só pode ser mantida pela conservação da mesma alma, pois o corpo está num fluxo contínuo, e a alma não habita em certos átomos ligados a ela, nem em um pequeno osso indomável, tal como a luz dos rabinos. Entretanto, não existe transmigração, pela qual a alma abandona completamente o seu corpo e passa a um outro. Ela conserva sempre, mesmo na morte, um corpo organizado, parte do anterior, em bora aquilo que conserva seja sempre sujeito a dissipar-se insensivelmente e a recompor-se e até sofrer em certo tempo uma grande mudança. Assim sendo, ao invés de uma transmigração da alma, existe transformação, envolvimento ou desenvolvimento, e finalmente fluxo do corpo desta alma.” (LEIBNIZ, p.170, 1992)

Aqui o Leibniz mantém o conceito de substância, mas individual, a identidade é preservada através da conservação da alma, nessa substância individual há uma noção completa que possui um conteúdo que pode ser lido por Deus. A noção completa faz de nós o que nós somos, para o Leibniz desde toda a eternidade os nossos pensamentos estavam em

nossa substância individual, ele era inatista, diferentemente do Locke que defendia que somos uma tábula rasa, tudo o que vem, vem do exterior e podemos esquecer.

No parágrafo nove surge o conceito de consciência e a noção de punir, se temos consciência podemos ser culpados ou recompensados pelos nossos comportamentos. Diferente de um animal irracional que não pode discernir o que é certo ou errado, então não pode ser julgado. Leibniz e Locke concordam que a consciência prova uma identidade moral ou pessoal. É nisto que se baseia a economia neoliberal²¹, num discurso moral, de que o sujeito é culpado, ele e somente ele.

“Filaleto - O termo pessoa implica um ser pensante e inteligente, capaz de razão e reflexão, que pode considerar-se a si mesmo como o mesmo, como uma mesma coisa, que pensa em tempos e lugares diferentes; isso acontece unicamente pelo sentimento que tem das suas próprias ações. Este conhecimento acompanha sempre as nossas sensações e as nossas percepções presentes [quando são bastantes distinguidas, conforme observei mais de uma vez acima], sendo por esta razão que cada qual é para si mesmo o que ele denomina ele mesmo. Não se considera neste caso se o mesmo eu é continuado na mesma substância ou em substâncias diversas; pois, visto que a consciência (consciousness ou conscienciosité) acompanha sempre o pensamento, e que isso que faz com que cada um seja o que denomina ele mesmo e pelo que se distingue de qualquer outra coisa pensante, é também só nisto que consiste a identidade pessoal, ou seja, o que faz com que um ser racional seja sempre o mesmo; quão longe esta consciência pode estender-se sobre as ações ou sobre os pensamentos já passados, tão longe vai a identidade dessa pessoa e o eu é agora o mesmo que era antes.” (LEIBNIZ, p.172, 1992)

Para o Leibniz a alma (mônada) é capaz de conservar a nossa identidade moral e fazer com que um homem seja sempre ele mesmo, conservando o seu eu e podendo responder por todos os seus atos, esse conceito resolve o problema da ética moderna:

“Teófilo – também eu partilho dessa opinião, a saber, que a consciência (conscienciosité – conscienciosidade) ou o sentimento do eu prova uma identidade moral ou pessoal. É nisto que distingo a incessabilidade da alma de um animal, da imortalidade da alma de um homem: tanto uma como a outra conservam a identidade física e real, mas quanto ao homem, é conforme às normas da divina providência que a alma conserve também a identidade moral e aparente conosco mesmos, para constituir a mesma pessoa, conseqüentemente capaz de sentir os castigos e recompensas.”

“Assim, portanto, a consciência não é o único meio de construir a identidade pessoal, visto que o relato de outros ou até outros elementos podem substituí-la; todavia, haverá dificuldade se houver contradição entre essas diversas aparências. A consciência pode calar-se, como no caso do esquecimento; todavia, se ela dissesse bem claramente o que foi contrário às outras aparências, estaríamos embaraçados no tocante à decisão, e por vezes praticamente suspensas entre duas possibilidades; a do erro da nossa recordação e a de alguma decepção nas aparências externas.]” (LEIBNIZ, p.173, 1992)

²¹ O neoliberalismo é a tendência atualmente dominante na ordem econômica internacional, com a defesa do Estado Mínimo.

Ainda aqui surge a ideia de punição e que o testemunho alheio poderia preencher as lacunas das nossas reminiscências, o esquecimento, que é apontado e defendido por Locke. O Eu constitui a identidade real e física, a identidade real e física se comprova pela reflexão imediata do momento presente ou ainda pelo testemunho concordante dos outros. Se Deus mudasse a identidade real, ainda assim se preservaria a identidade pessoal, desde que fossem conservadas também no homem a sua consciência, que é uma aparência interna, o modo como aparece aos outros é uma aparência externa.

No parágrafo quatorze há afirmações centrais, nele também há uma objeção ao Descartes, o Leibniz reforma o conceito de substância, uma substância imaterial sem a mesma consciência não faz a mesma pessoa. Para o Leibniz ainda que um ser imaterial com consciência passe a habitar um novo corpo, todas as suas impressões e recordações serão conservadas, existe em nossas almas um conteúdo que pode ser lido, uma representação. A noção de ler.

“Teófilo – Todavia, a evidência é que nada se negligencia no mundo, mesmo com relação à moral, pois o rei da moral é Deus, e o seu governo é perfeito. As almas, segundo as minhas hipóteses, não são indiferentes em relação a qualquer porção que seja da matéria, como a vós parece; pelo contrário, elas exprimem originariamente aquelas porções da matéria, às quais estão e devem ser unidas segundo a ordem. Assim sendo, se elas passassem para um novo corpo grosseiro ou sensível, conservariam sempre a expressão de tudo aquilo de que tiveram percepção nos corpos anteriores; seria até necessário que o novo corpo se ressentisse, de maneira que a continuação individual terá sempre as suas marcas reais. Entretanto, qualquer que tenha sido o nosso estado passado, o efeito que ele deixa não pode permanecer para sempre imperceptível.” (LEIBNIZ, p.176, 1992)

Qualquer que tenha sido o nosso estado passado, segundo o Leibniz, não nos pode ficar imperceptível por muito tempo, uma vez que temos um conteúdo em nossa mônada que já está dado desde a eternidade e pode ser lido por Deus.

O que resolve o problema da ética é o conceito de consciência, se a temos, podemos ser culpados pelos nossos atos. A ética moderna baseia-se no indivíduo, apenas a alma pode constituir um indivíduo.

“Filaleto - Quanto à questão se, permanecendo a mesma substância imaterial, pode haver duas pessoas distintas, eis sobre o que ela está fundada: poderá o mesmo ser imaterial ser despojado de todo sentimento da sua existência passada e perde-lo inteiramente, sem poder jamais recuperá-lo, de maneira que, começando, por assim dizer, uma conta nova a partir de um novo período, ele possua uma consciência que não possa estender-se além deste novo estado?”

“Teófilo – Um ser imaterial ou espírito não pode ser despejado de toda percepção da sua existência passada. Ficam-lhe impressões de tudo o que lhe aconteceu, e terá até pressentimentos de tudo aquilo que lhe acontecerá: todavia, esses sentimentos são o mais das vezes excessivamente insignificantes para serem indistinguíveis e para que

os percebemos, embora um dia talvez poderiam desenvolver-se.” (LEIBNIZ, p.175, 1992)

Para o Leibniz nós temos uma substância individual, denominada mônada, nessa substância há uma noção completa que pode ser lida por Deus. Há uma harmonia pré-estabelecida ²²entre o corpo e a alma, todo o nosso conteúdo está contido em nossa mônada, a consciência implica num sujeito moderno que é responsável pelos seus males. Mesmo que exista a possibilidade da transmigração de almas para novos corpos, elas conservariam tudo aquilo que tiveram de percepções nos corpos anteriores.

“Teófilo – Um ser imaterial ou espírito não pode ser despojado de toda percepção de sua existência passada. Ficam-lhe impressões de tudo o que lhe aconteceu, e terá até pressentimentos de tudo aquilo que lhe acontecerá: todavia, esses sentimentos são o mais das vezes excessivamente insignificantes para serem distinguíveis e para que os percebamos, embora um dia talvez poderiam desenvolver-se. Esta continuação ou ligação de percepção constitui o mesmo indivíduo realmente, mas as a percepções (isto é, quando nos apercebemos dos sentimentos passados) provam também uma identidade moral, e fazem aparecer a identidade real.” (LEIBNIZ, p.175, 1992)

O conceito de percepções insensíveis aparece pela primeira vez no prefácio da obra e é desenvolvido no parágrafo dezoito, diz respeito há impressões tão ínfimas que não tomamos consciência, como um pequeno corte no dedo mínimo que é quase imperceptível e não provoca nenhuma sensação forte o suficiente para voltarmos toda a nossa atenção para ele. Esse conceito também explica sobre a harmonia pré-estabelecida entre alma e corpo e como tudo na natureza passa do pequeno para o grande. Essa concepção recupera algo do Prefácio, cito:

“Essas percepções insensíveis assinalam e constituem o próprio indivíduo, que é caracterizado pelos vestígios ou expressões que eles conservam dos estados interiores deste indivíduo, fazendo a conexão com o seu estado atual, percepções que se pode conhecer por um espírito superior, mesmo que este indivíduo não as pudesse sentir, isto é, quando a recordação explícita não estivesse mais presente.” (LEIBNIZ, p.9, 1992)

Essas pequenas percepções se incluem num processo gradativo do perceber, da percepção mãos ínfima e fraca, para a mais perceptível e notável, Leibniz usa o exemplo de um ruído forte que jamais poderia ser percebido sem a percepção do seu início e uma corda que pode ser rompida, mas nunca seria se não tivesse sido afetada antes por forças de menor intensidade, para que depois uma força atue e consiga rompê-la:

“Jamais dormimos tão profundamente, eu não tenhamos algum sentimento fraco e confuso; e jamais seríamos despertados pelo maior ruído do mundo, se não tivéssemos alguma percepção do seu início, que é pequeno, da mesma forma como

²² Sistema filosófico formulado pelo filósofo Leibniz que está no subtítulo dos novos ensaios.

jamais romperíamos uma corda com a maior força do mundo, se ela não começasse a ser esticada um pouco por esforços iniciais menores, ainda que esta primeira pequena istenção da corda. Essas pequenas percepções, devido as suas consequências, são por conseguinte mais eficazes do que se pensa. São elas que formam este não sei quê, esses gostos, essas imagens das qualidades dos sentidos, claras no conjunto, porém confusas nas partes individuais, essas impressões que os corpos circunstantes produzem em nós, que envolvem o infinito, esta ligação que cada ser possui com todo o resto do universo. Pode-se até dizer que, em consequência dessas pequenas percepções, o presente é grande e o futuro está carregado do passado, que tudo é convergente (*symphonia pánta*, como dizia Hipócrates), e que, na mais insignificante das substâncias, olhos penetrantes como os de Deus poderiam ler todo o desenrolar presente e futuro das coisas que compõe o universo.” (LEIBNIZ, p.8, 1992)

Ainda no Prefácio, Leibniz observa que duas coisas individuais não podem ser iguais, diferentemente do Locke, que toma como referência o tempo e espaço, o que era muito próximo do que o Newton fazia. Leibniz é um opositor do Newton, para ele há um princípio interno que garante uma individuação, conceito que é explicado no primeiro parágrafo do capítulo.

“Este conhecimento das percepções insensíveis serve outrossim para explicar por que e de que maneira duas almas humanas ou de uma mesma espécie não saem jamais completamente semelhantes das mãos do Criador e cada qual delas tem sempre a sua relação originária aos pontos de vista que terão no universo. Aliás, é o que segue já daquilo que observei em relação a dois indivíduos, ou seja, que a diferença vigente entre eles é sempre mais do que meramente numérica.” (LEIBNIZ, p.11, 1992)

Para Leibniz há um princípio de razão suficiente, não há razões para ter duas coisas idênticas na natureza. Locke é empirista²³ mas não tão individualista como o Leibniz, para ele tudo é individual à partir de uma determinação interna, não há duas faces iguais no mundo.

No parágrafo vinte se estabelece a fundamentação das leis humanas, a justiça tem a ver com a identidade pessoal, Um homem tomado pelas suas emoções e um homem em posse da sua razão constituem duas pessoa distintas, logo, o rigor da pena deve cessar à medida que o uso da razão diminui.

“Filaleto - As leis humanas não punem o homem louco pelas ações praticadas por um homem calmo, nem punem o homem calmo pelas ações praticadas por um homem louco: daqui se conclui que o homem em estado de loucura e o homem em estado de posse calma das suas faculdades constituem duas pessoas. E por isso dizemos: este homem está fora de si.”

Teófilo – As leis ameaçam punir e prometem recompensar, a fim de impedir as ações más e promover as boas. Ora, um homem louco pode estar em tal estado que as ameaças e as promessas não influem sobre ele, visto que não é a razão que comanda as suas ações; assim sendo, o rigor da pena deve cessar à medida que o uso da razão diminui. Por outra parte, quer-se que o criminoso sinta o efeito do mal que praticou, afim de que tenha mais temor e cometer crimes; todavia, visto que o louco não é suficientemente sensível a isso, costuma-se esperar um bom período de tempo

²³ Teoria do conhecimento que defende a absorção dos conhecimentos através dos sentidos.

para executar a sentença que constitui a punição por aquilo que praticou em estado de posse de razão. Assim sendo o procedimento dos juizes ou das leis nessas emergências não provém do fato de se suporem no caso duas pessoas distintas.” (LEIBNIZ, p.178, 1992)

A partir do parágrafo vinte e dois, Leibniz vai inaugurar um novo movimento, o conceito de Eu surge nesse ponto, o principal embate entre o Locke e o Leibniz é o problema da consciência. O Locke defende que a alma é uma tábula rasa e podemos esquecer do que fizemos enquanto não estávamos em posse da nossa racionalidade, logo o sujeito não necessitará responder por aquilo que lhe é desconhecido. O eixo principal desse parágrafo é o juízo final:

“Filaleto – As leis humanas punem um e outro por uma justiça conforme à maneira segundo o qual os homens conhecem as coisas, visto que nesta espécie de caso os homens não podem distinguir certamente o que é real e o que é falsificado; assim a ignorância não é reconhecida como excusa daquilo eu se fez em estado de embriaguez ou de sono. O fato é provado contra aquele que o cometeu, e não se pode provar para ele a falta de consciência.

Teófilo – [Não se trata tanto disso, mas antes do que se deve fazer quando se verificou que o ébrio ou o sonâmbulo só pode ser considerado como um maníaco: todavia, visto que a embriaguez é voluntária e a doença não o é, pune-se um sem punir o outro.

Filaleto – Entretanto, no grande e temível dia do julgamento, em que se revelarão os segredos de todos os corações, temos o direito de crer que ninguém necessitará responder por aquilo que lhe é inteiramente desconhecido, e que cada um receberá o que lhe for devido, sendo acusado ou excusado pela sua própria consciência.” (LEIBNIZ, p.178-179, 1992)

Para o Leibniz, tudo aquilo que possuímos está numa substância individual denominada mônada, quer nos lembramos ou não, essa mônada nos transforma em pessoas morais. A consciência permite fundamentar a moral e a ética, a partir dessa noção pode-se discutir os fundamentos da moral. O conceito de mônada revela uma identidade pessoal.

No parágrafo vinte e três temos o problema das leis humanas, elas punem de acordo a forma como os homens conhecem as coisas, que pela sua própria natureza pode cair em julgamentos falsos, devido a imperfeição humana, diferente da justiça divina que tudo sabe, pois o governo de Deus é perfeito e as suas leis também.

Para o Locke o Eu é determinado pela identidade da consciência, não pela diversidade de substância, ele supõe duas consciências distintas agindo alternadamente no mesmo corpo, um pelo dia e outra pela noite, tendo como resultado duas pessoas com o mesmo espírito material.

“Filaleto – Se pudéssemos supor duas consciências distintas e incomunicáveis, que agem alternadamente no mesmo corpo, uma sempre de dia e a outra de noite, e por outra parte a mesma consciência agindo por intervalos em dois corpos diferentes, pergunto se no primeiro caso o homem de dia e o homem de noite – se me for

permitido assim falar – não seriam duas pessoas tão distintas como Sócrates e Platão, e se no segundo caso não seria uma só pessoa em dois corpos distintos. Nada importa dizer que esta mesma consciência, que afeta dois diferentes corpos, e essas consciências que afetam o mesmo corpo em tempos diferentes, pertencem uma à mesma substância imaterial, e as duas outras a duas substâncias imateriais que introduzem essas diversas consciências nesses corpos, visto que a identidade pessoal seria igualmente determinada pela consciência, seja que esta consciência fosse ligada a alguma substância individual material ou não.” (LEIBNIZ, p.179, 1992)

O Leibniz faz uma objeção ao Locke na seguinte citação:

“Teófilo - Reconheço que, se todas as aparências fossem mudadas e transferidas de um espírito a outro, ou se Deus fizesse um intercâmbio entre dois espíritos, dando o corpo visível e as aparências e consciências de um ao outro, a identidade pessoal, ao invés de ser ligada à da substância, seguiria as aparências constantes que a moral humana deve ter em vista: todavia, essas aparências não consistirão apenas nas consciências, e será necessário que Deus opere as mudança não somente das a percepções ou consciências dos indivíduos em questão, mas também das aparências que se apresentam aos outros em relação a essas pessoas; de outra forma haveria contradição entre as consciências de uns e o testemunho dos outros, o que perturbaria a ordem das coisas morais.” (LEIBNIZ, p.180, 1992)

Para o Leibniz, mesmo que o indivíduo não se recorde do que fez em momentos passados, ele pode ser punido ou recompensado, pois segundo ele, existe em nossas almas um conteúdo que pode ser lido por Deus, uma noção de ler, representação, que está contida em uma mônada.

Parte 2

Até o momento, a ocupação dessa redação foi uma análise estrutural dos ensaios do Locke e Leibniz. Essa segunda parte do trabalho será um exemplo de criação, irei me ater aos filósofos Jacques Derrida e Deleuze, com a intenção de recuperar a força do texto que até então foi analisado estruturalmente. De início, convido o meu leitor a pensar sobre as seguintes questões acerca das obras de Filosofia: que trabalho a obra realiza? Será que um texto pode escapar ao momento que está sendo lido? Onde está a força do texto literário?

O estruturalismo inaugura uma nova maneira de questionar todo o objeto histórico, Derrida faz uma crítica literária associada ao estruturalismo, o historiador clássico não pode dizer o que é importante dentro de um texto, porque ele está preocupado com a forma, não com a força, aquilo que é a vida dentro de uma obra literária. O essencial está no quase-nada, Derrida escreve sobre uma certa inquietação da linguagem, a linguagem é equívoca por natureza, quanto mais equívoco um texto, mais coisas ele pode dizer em momentos diferentes. No seu livro *Escritura e diferença*, Derrida explica sobre essa filosofia da ausência:

“Para aprender mais de perto a operação da imaginação criadora, é preciso portanto virarmos-nos para o invisível interior da liberdade poética. É preciso separarmos-nos para atingir na sua noite a origem cega da obra. Essa experiência de conversão que instaura o ato literário (escritura ou leitura) é de uma espécie tal que as próprias separação e exílio, designando sempre uma ruptura e um caminho no interior do mundo, não conseguem manifestá-la diretamente, mas apenas indicá-la por uma metáfora, cuja genealogia merecia por si só a totalidade da reflexão. Pois se trata de uma saída para fora do mundo, em direção a um lugar que nem é um não-lugar nem um outro mundo, nem uma utopia nem um alibi. Criação de ‘um universo que se acrescenta o universo’, segundo uma expressão de Focillon citada por Rosset (p.11), e que só diz portanto o excesso sobre o todo, esse nada essencial a partir do qual tudo pode aparecer e produzir-se na linguagem, e acerca do qual a voz de Blanchot nos lembra com insistência da profundidade que é a própria possibilidade da escritura e de uma inspiração literária em geral. Só a ausência pura – não a ausência disto ou daquilo – mas a ausência de tudo em que se anuncia toda a presença – pode inspirar, ou por outras palavras trabalhar e depois fazer trabalhar. O livro puro está naturalmente virado para o oriente dessa ausência que é, aquém e além da genialidade de toda a riqueza, o seu conteúdo próprio e primeiro. O livro puro, o livro em si, deve ser, pelo que nele é mais insubstituível, esse ‘livro sobre nada’ com que sonhava Flaubert.”
(DERRIDA, p.8-9, 2014)

A leitura estrutural abandona a força e o sentido do texto, o essencial está nesse quase-nada. O filósofo Derrida faz uma analogia para podermos pensar com clareza sobre o que seria esse estruturalismo que ele está criticando. Ele descreve uma cidade desabitada, que em tempos passados foi assombrada pelo sentido e pela cultura e que hoje está sem vida, sem força. Cidade obscura e silenciosa, onde somente é possível escutar o som dos ventos rasgando as estruturas da matéria morta e disforme. É disso que se trata o estruturalismo, de uma cidade sem vida, o estruturalismo retira a força da obra literária, o seu esquematismo reprime a força criativa, como afirma o filósofo:

“Graças ao esquematismo e a uma espacialização mais ou menos confessada, percorre-se no plano e mais livremente o campo abandonado pelas suas forças. Totalidade abandonada pelas suas forças, mesmo se for totalidade da forma e do sentido, pois então se trata do sentido repensado na forma, e a estrutura é a unidade formal da forma e do sentido. Poder-se á dizer que esta neutralização pela forma constitui um ato do autor antes de ser o ato do crítico e pelo menos em certa medida – mas é de medida que se trata – esta afirmação é correta. Em todo caso, hoje se declara mais facilmente o projeto de pensar a totalidade, e um projeto como esse escapa também por si próprio às totalidades determinadas pela história clássica. Pois é um projeto de superá-las. Deste modo o relevo e o desenho das estruturas tornam-se mais visíveis quando o conteúdo, que é a energia viva do sentido, encontra-se neutralizado. Um pouco como a arquitetura de uma cidade desabitada; antes assombrada pela cultura e pelo sentido e pela cultura. Este assombramento que a impede aqui de voltar a ser natureza é talvez em geral o modo de presença ou de ausência da própria coisa na linguagem pura. Linguagem pura que gostaria de abrigar a literatura pura. Linguagem pura que gostaria de abrigar a literatura pura, objeto da crítica literária pura.” (DERRIDA, p. 5, 2014)

A arte renascentista é planejada, assim como a estrutura de um texto, a preocupação estruturalista torna-se metódica e se torna uma filosofia da presença, que finaliza o sentido.

Quando dizemos “esta cadeira é azul”, a frase tem valor e significado, entretanto, quando dizemos “a morte sem corpo” não há uma significação natural, há uma flutuação indefinida. Derrida está preocupado com a filosofia da ausência, de uma consciência de nada que pode ser preenchida por tudo e ganhar força. A imaginação criadora opera através da liberdade poética, diferentemente do Rosset que quer associar significação a objetificação, o Derrida quer associar significação a sentido, o problema da significação não nos ajuda a entender a criação filosófica.

A escritura se faz na escritura, o texto acontece no momento em que é escrito e a linguagem com toda sua equivocidade, pode ter diferentes significados a depender de quem a lê e como lê. A origem do texto é o nada, o ato de escrever é preenchido pela imprevisibilidade do pensamento, uma equivocidade pura, que a cada linha movimenta-se através da força criativa do escritor. O escritor cria um novo idioma com aquilo que ele escreve, escritura é como sangue, fluindo e circulando com a sua vida sem cessar. O sentido não está antes e nem depois do ato de escrever, o sentido se faz no momento presente, esse sentido possui fecundidade, a fecundidade de uma obra pode originar uma outra obra.

Podemos pensar a respeito de quantas leituras diferentes podem ser feitas das escrituras bíblicas ou por exemplo das obras do Nietzsche, porque essas obras possuem uma força e essa força torna possível o que Derrida chama de flutuações indefinidas entre possibilidades sintáticas e semânticas.

Para o Deleuze o conceito é uma palavra primitiva, a Filosofia se faz na linguagem, no expresso, o conceito não se refere a um estado de coisa, nem a uma representação, o conceito refere-se a ele mesmo, é auto-referente. O mesmo acontece no plano da expressão, ele surge do nada. A filosofia do Deleuze é uma filosofia do acontecimento, sem referência e que não se confunde com estado de coisa e representação, o signo expresso como conceito, não representa e não se refere.

“O conceito é um incorpóreo, embora se encarne ou se efetue nos corpos. Mas, justamente, não se confunde com o estado de coisas no qual se efetua. Não tem coordenadas espaço-temporais, mas apenas ordenadas intensivas. Não tem energia, mas somente intensidades, é anergético (a energia não é a intensidade, mas a maneira como esta se desenrola e se anula num estado de coisas extensivo). O conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa. É um Acontecimento puro, uma beccidade, uma entidade: o acontecimento de Outrem, ou o acontecimento do rosto (quando o rosto por sua vez é tomado como conceito). Ou o pássaro como acontecimento. O conceito define-se pela inseparabilidade de um número finito de componentes heterogêneos percorridos por um ponto em sobrevôo absoluto, à velocidade infinita. Os conceitos são "superfícies ou volumes absolutos", formas que não têm outro objeto senão a inseparabilidade de variações distintas(2). O

"sobrevôo" é o estado do conceito ou sua infinitude própria, embora sejam os infinitos maiores ou menores segundo a cifra dos componentes, dos limites e das pontes. O conceito é bem ato de pensamento neste sentido, o pensamento operando em velocidade infinita (embora maior ou menor).

O conceito é, portanto, ao mesmo tempo absoluto e relativo: relativo a seus próprios componentes, aos outros conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, aos problemas que se supõe deva resolver, mas absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema. É absoluto como todo, mas relativo enquanto fragmentário. É infinito por seu sobrevôo ou sua velocidade, mas finito por seu movimento que traça o contorno dos componentes. Um filósofo não pára de remanejar seus conceitos, e mesmo de mudá-los; basta às vezes um ponto de detalhe que se avoluma, e produz uma nova condensação, acrescenta ou retira componentes. O filósofo apresenta às vezes uma amnésia que faz dele quase um doente: Nietzsche, diz Jaspers, "corrigia ele mesmo suas ideias, para constituir novas, sem confessá-lo explicitamente; em seus estados de alteração, esquecia as conclusões às quais tinha chegado anteriormente". Ou Leibniz: "eu acreditava entrar no porto, mas... fui jogado novamente em pleno mar"(3). O que porém permanece absoluto é a maneira pela qual o conceito criado se põe nele mesmo e com outros.

A relatividade e a absolutidade do conceito são como sua pedagogia e sua ontologia, sua criação e sua autoposição, sua idealidade e sua realidade. Real sem ser atual, ideal sem ser abstrato... O conceito define-se por sua consistência, endo-consistência e exo-consistência, mas não tem referência: ele é auto-referencial, põe-se a si mesmo e põe seu objeto, ao mesmo tempo que é criado." (DELEUZE, p. 10, 1997).

A filosofia vai criar um plano de consistência, ela organiza o caos mental criando conceitos, o conceito é incorpóreo e a sua efetuação é tida para o Deleuze como uma transformação incorpórea. Quando a fala ganha sentido no mundo, ela cria, podemos equiparar esse fato a uma analogia: uma luva que é confeccionada e possui a medida perfeita para várias mãos, o mesmo acontece com o conceito que a Filosofia cria, o filósofo produz sentido, no momento zero do expresso, o encadeamento desses expressos faz o texto ganhar sentido.

A respeito da obra *Novos ensaios acerca do entendimento humano*, os filósofos Leibniz e Locke demonstram de fato, um exemplo dessa criação de conceitos que o Deleuze explica no seu livro *O que é a filosofia?* O Locke cria o conceito de consciência para resolver o problema do juízo final e o Leibniz cria o conceito de mônada. Como sabemos, esses conceitos não se referem a nada, o sentido desses conceitos está no problema, que no caso, é o problema do juízo final que está no parágrafo vinte e dois da obra.

A força dos textos do Leibniz e do Locke está na criação dos seus conceitos, mônada e consciência, respectivamente, a consciência resolve o problema da ética moderna, assim como a mônada, embora, eles entrem em divergência. Leibniz é inatista, o Locke é empirista, isso fica claro no prefácio da obra e em vários pontos do diálogo que foi exposto na análise estrutural desse trabalho.

Considerações Finais

Dito assim, é preciso se atentar para a diferença entre uma análise estrutural de um texto e uma criação de conceitos, tarefa que os filósofos fizeram por toda a história. A análise estrutural do texto retira a força da obra, na primeira parte desse trabalho tivemos um exemplo disso, onde foi feita uma análise estrutural da obra do Leibniz em que há um diálogo com o Locke, intitulada de *Novos ensaios acerca do entendimento humano*. Nessa primeira parte tivemos que analisar e discernir o que cada parágrafo dizia, isso foi possível através de fichamentos e muitas anotações durante as aulas do professor que ministrou a disciplina de Leitura e composição de textos filosóficos.

A segunda parte desse trabalho foi a mais difícil, porém, depois da fase de transição de analisar a obra do Leibniz estruturalmente, foram desenvolvidas algumas competências técnicas, o que é necessário para essa atividade. A tentativa de um exemplo de criação foi pautada nas obras: *Escritura e diferença* (2009) do Derrida e *O que é a Filosofia?* (2010) do Deleuze, as quais foram fundamentais para o entendimento do processo de criação e aquilo que o Derrida chamou de liberdade poética. Uma leitura estrutural retira a profundidade da obra literária, na segunda parte do trabalho tentamos recuperar a força do texto, através de um exercício de criatividade filosófica entre Deleuze e Derrida.

Os parágrafos quatorze e vinte e dois dos *Novos Ensaios acerca do entendimento humano* são parágrafos centrais, onde encontramos o problema. Podemos perceber a importância dos conceitos dos textos estudados, o conceito de consciência do Locke foi muito importante para a fundamentação da ética moderna, assim como o conceito de mônada do Leibniz. A noção moderna de justiça baseia-se no indivíduo, a consciência implica num sujeito moderno sujeito moderno que é responsável pelos seus males. Para a filosofia moderna, se não temos propriedade ou trabalho, não somos sujeitos. Alguém que não trabalha e não tem propriedade, não é considerado indivíduo e o social não desempenha papel nenhum, a culpa é inteiramente do sujeito. A filosofia moderna é a filosofia do eu, representação e do consciente, o social não desempenha nenhuma influência. Para o Leibniz não somos uma tábula rasa como defendia o Locke, segundo o Leibniz, que era inatista, todos nós temos uma substância individual denominada mônada, nela há uma noção completa. Entretanto, o Locke afirmava que todos os nossos conhecimentos dependiam da experiência.

O conceito de identidade pessoal permite a fundamentação da moral, só nós podemos ser culpados porque temos consciência, somos seres dotados de razão e inteligência, capazes de raciocinar e refletir, a nossa consciência nos torna seres individuais. Para o Leibniz é possível a conservação da identidade moral, nisso também, ele entra em discordância com o Locke, que defendia que é possível o esquecimento daquilo que foi feito conscientemente. Na filosofia moderna, a justiça está relacionada com a identidade pessoal, nós somos responsáveis por tudo aquilo que fazemos. No capítulo XXVII temos o princípio da moralidade, uma consciência responsável, pode ser imputado ao sujeito a culpa, porque ele tem consciência do que fez. Esse é o ponto principal e onde encontramos a força dessa obra.

Referências bibliográficas:

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. Tradução Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Tradução. Flavio Fontenelle Loque. Minas Gerais, 2015.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?**. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 2010.